

EDUCAÇÃO FÍSICA E A CIÊNCIA, QUAL CIÊNCIA?

Wilson do Carmo Júnior*

RESUMO

Educação Física com ciência. Não é paráfrase evasiva, e sim, um discurso necessário. Reporta questões que inspiram questões. Estamos às margens de uma definição segura da identidade da Educação Física, firmamos-nos em valores instituídos pela ciência, porém não sustentamos o conceito de ciência na sua totalidade e pureza, e não justificamos tal conceito em relação a Educação Física, na realidade vivida. Os argumentos científicos carecem de argumentos filosóficos, artísticos entre outras possíveis linguagens que norteiam a realidade da relação corpo-movimento. Não podemos maquiar com pinceladas científicas os conhecimentos em Educação Física, se não fizermos uma rigorosa vistoria na antropologia sobre temas que fundaram o uso legítimo das práticas corporais. É preciso firmarmos num terreno onde seja semeado radicalmente uma Educação Física como ciência rigorosa. É necessário fazer Educação Física como se faz cultura geral.

UNITERMOS: Educação Física, ciência e cultura

INTRODUÇÃO

Há vinte anos discursamos sobre ciências e educação física. Não menos tardio, discursamos sobre dimensões sócio, filosóficas, históricas, entre outras vertentes da cultura, ditas emancipadas, para fortalecer e estruturas o conceito de educação física. A rigor, toda a natureza que inspiram estudiosos da matéria se manifesta, antes de qualquer julgamento da realidade, uma tendência de estabelecer vínculos com as respostas que a cultura científica fornece à luz da sua história e concepção, a partir do advento do método científico. Há contudo, uma concepção de pesquisa legitimada pela relação modelo-método-sistema que vigora desde os tempos das verdades absolutas, da objetividade maiúscula e dos pontos de vistas fechados para a subjetividade e generalizações intuitivas.

À Educação Física foi concedida uma conduta científica, deparamos com uma concepção de pesquisa que, no mundo contemporâneo vigora uma condição teórico-prática, mais propriamente uma condição de pesquisa direcionada a aplicações diretas e objetivamente na realidade. Observamos que a natureza da Educação Física difere um pouco das ciências naturais que explora suas potencialidades culturais quando a referência é a pesquisa aplicada, porém o conceito de Educação Física que se vive na realidade se assemelha muito com o conceito ontológico de uma prática diferenciada, uma condição de interferência no mundo preexistente na

natureza humana resultante da necessidade de sobrevivência, e que certamente tem indicado um referencial que foi originárias das práticas corporais primitivas. A rigor, no mundo contemporâneo, prática da Educação Física tornou-se uma metáfora, uma evidência lingüística sustentada por uma evidência cultural, exigente na sua interpretação real, principalmente quando manifestada na esfera da realidade corporal e como parte da natureza humana. Não parece difícil compreender que, ao dizer-mos *educação física*, optamos por identificar uma natureza e um conceito muito próximos um do outro. Não é equívoco também compreender o uso do corpo e do movimento esportivo ginástico, expressivo e lúdico como referência a um conjunto e uma estrutura que possui identidade única, relação direta e objetiva com a intenção humana na experiência e na ação. Ou seja, qualquer que seja a prática que façamos, há uma conotação clara daquilo que estamos *fazendo*. Portanto, *fazer educação física* não é uma expressão no singular. Torna-se fundamental ainda, fazer uso dessa metáfora, não por desacato à autoridade lingüística da ciência vigente, porém, para fortalecer o recurso que temos com a língua e com o discurso ampliado da relação corpo-movimento pouco usual na esfera acadêmica e na profissão fora dela.

Porque usamos o termo ciência da *educação física*? Caso queiramos modificar a direção da pergunta, o discurso sugerido poderia ser, porque usamos o termo *ciência da motricidade humana*? Ou, mais reflexiva ainda, a pergunta polêmica: *motricidade humana ou educação física*? Em que nos apoiamos para relevar uma terminologia em detrimento de outra? Porque a tentativa de explicar a capacidade humana de se mover com objetividade esportiva, ginástica, expressiva ou lúdica com o amparo da *ciência natural*? *Motricidade humana e educação física*: onde poderíamos ancorar nossa concepção e identidade dessa matéria? Nomenclatura nunca sustentou paradigmas, caso tenhamos algum, em que eixo cultural ou epistemológico ele se sustenta?

Educação Física e a Ciência Vaga

Toda ciência é humana! Potencialmente a investigação do mundo natural só sobreviveu porque foi o homem quem se colocou diante dele. Muito embora a revelação mais autêntica sobre a intervenção do homem na natureza aconteceu de forma paradoxal, ou seja, na medida em que o *quem sou eu* socrático mostrou uma distância ontológica homem-natureza, a realização concreta do *eu racional* só triunfou porque subliminariamente o *eu natural* nunca se afastou do *humano* que sempre existiu na sua totalidade e imanência. Isso significa que a primeira noção de investigação do

* Professor do Departamento de Educação Física do Instituto de Biociência - UNESP - Rio Claro - SP

universo ocidental conhecido possui inspiração lógica, porém junto dessa a inspiração poética. A descoberta da natureza só foi possível observando-a pelo lado de fora, embora estivéssemos sempre dentro dela. Portanto, a ciência da natureza separou-se da ciência humana mediante a intolerância da linguagem, como trama conceptual, porém toda ciência sempre foi humana por excelência e rigor ontológico.

O dualismo teológico que antecedeu a cultura grega inspirava a investigação das deidades, e delas extraíam suas explicações absoluta e plenamente coerentes com a vida dessas comunidades. Saibamos nós que, toda inspiração que motivou o pensamento lógico-formal nasceu da evidência mítica-poética. “*Toda criação é o resultado de superabundância ontológica*”¹. Há uma função dominante na esfera mítica na qual os homens imitam os gestos exemplares dos deuses, copia lhes os atos, seja no âmbito da mera função fisiológica como alimentação ou atividade física, seja na esfera da atividade social ou econômica. “*Essa conduta religiosa do homem contribui para a manutenção da santidade do mundo*”². Foi assim com o saber, com o conhecimento, com a linguagem, e não poderia ser diferente com a corporeidade e com a motricidade.

À ciência era dada uma função de filosofia pura enquanto capacidade de contemplar o mundo. A resultante dessa contemplação expôs o ser humano natural na condição de ser racional em detrimento do ser espiritual. Tanto quanto evidente na antropologia cultural, a exploração do mundo *pré-supunha* observação rigorosa, lúcida, impecavelmente sensível e inteligível. O conteúdo humano dessa associação respaldou a natureza humana na sua totalidade e plenitude quando o referente era o homem e o referido era o mundo, o homem enquanto ser corporal e o mundo como reduto existencial. Investigar o mundo *pré-supunha* investigar a si mesmo; um tanto lógico e um tanto poético. Assim, *a posteriori* das coisas humanas, a lógica paltônica idealizou o mundo e a lógica aristotélica o materializou, paradoxalmente a lógica poética jamais se despreendeu de ambas, talvez tenha sido essa última que não permitiu a desespiritualização do homem.

À Educação Física foi concedida uma prerrogativa de investigação que poderia ser caracterizada como ciência. Contudo, todo fenômeno a ser investigado, dos seus objetos à sua identidade, ultrapassam os limites dos conceitos conhecidos na tradição e do conceito de ciência contemporânea. Assim, poderíamos ser pretensiosos em afirmar que a Educação Física sempre existiu partilhando conceitos na esfera da vida, estabelecendo valores e determinando comportamentos, muito além de uma exploração meramente pedagógica,

sustentada por uma tendência científica isolada da experiência vivida.

A natureza científica da atividade física teve sua inspiração nos primórdios dos tempos do homem caçador, no ritual e na perfídia da sobrevivência. Uma espécie de *atletismo primitivo*, que desenvolvia as habilidades básica como resposta natural às exigências da exploração do mundo³. Posteriormente a mesma Educação Física revelou-se como função filosófica na Grécia clássica, e com a arte médica em paralelo foi quem aproximou o *saber e o vigor*. Como inspiração apolínia na *paidéia* surpreendentemente triunfou com a experiência prática da *dieta-com-ginástica*. Gradativamente transformou-se em cultura sem que soubéssemos fazer uso desses conceitos. A prática de exercícios denotava uma função filosófica e científica na proporção da experiência vivida. Hoje aceitamos objetivamente que a Educação Física pode ser uma ciência, sem que façamos a reflexão de qual ciência estamos falando ou necessitando. Exploramos a capacidade de pensar Educação Física sem que saibamos o sentido reflexivo do ato de pensar. Aceitamos o discurso sobre a corporeidade e motricidade, fazemos uso das práticas corporais e motoras sem que possamos compreender os conceitos que indicam a intenção e o sentido dessas práticas. Somos portanto, visionários e ilusionistas lógicos na busca de alguma identidade dispersa na idéia vaga e na forma estreita de praticar ciência.

“*Não há a menor dúvida que todo nosso conhecimento se iniciam a partir da experiência.*” Esse célebre princípio da “Crítica da Razão Pura” de Kant⁴, é um elogio à capacidade humana de fazer juízo apriori as coisas. Contudo, todo conhecimento não possui essa origem exclusiva, pois a natureza empírica requer impressões dos sentidos e capacidade cognoscitiva, situação que ainda está distante de nossa compreensão pela falta de reflexão sobre a matéria. Isso posto, vemos que todo essa abordagem kantiana vale também para o conhecimento que temos do homem no sentido rigoroso do termo. Essa manifestação kantiana ainda resulta de um momento mágico do filósofo, que intuitivamente relevou o sentido da prática como arte da vida, acúmulo de experiência no decorrer da vida: do sacerdote ao médico, do professor ao marceneiro, do mecânico ao lenhador. Reside aí uma subjetividade imanente ao espírito humano na arte de investigar as coisas. Certamente um processo complexo que não se arranja ou conclui sentado num gabinete, explorando as *intelequias* neuronais absolutas,

¹ ELIADE, M. *Prestígio do mito cosmogônico. Diógenes, antologia*. Brasília, Editora UnB, Vol. 7, p.5-16, 1984, p. 7.

² *Op. Cit.* p. 12

³ Huxley, J. S. *Evolution, the modern syntheses*. New York, Harper and Row, 1942.

⁴ Primeiro argumento citado na obra de Kant na *Crítica da Razão Pura no capítulo - Distinção Entre o Conhecimento Puro e Conhecimento Empírico*; In: Weil, E. *Problèmes kantians*. Paris, Edition De Vrin, 1965, p. 15.

ajustando o esforço mental a métodos como experiências procrusteanas⁵.

A prática da pesquisa em Educação Física não deveria ser diferente da prática que fazemos com a Educação Física. Usando as preposições em diferentes perspectivas, talvez descobriremos uma outra *ciência*. Estamos repletos de cientistas, diria com certa convicção, a comunidade de estudiosos da Educação Física. Estamos na armadilha ou na trama conceptual das metodologias. Elas tem causas na diversidade dos métodos, na especialização das disciplinas, no fato, sobretudo, de que os métodos científicos se desenvolvem à margem - por vezes em oposições - dos preceitos do senso comum, dos ensinamentos tranqüilos da experiência corriqueira.

“Todos os métodos científicos atuantes são em forma de ponta. Não são o resumo de hábitos adquiridos na longa prática de uma ciência. Não se trata de sabedoria intelectual adquirida. O método é verdadeiramente uma astúcia de aquisição, um estratagema novo, útil na fronteira do saber. O método científico é aquele que procura o perigo. Seguro de seu acervo, ele se aventura numa aquisição. A dúvida está na frente, e não atrás, resulta num pensamento científico comprometido, colocando sua própria constituição em jogo”⁶.

Há filosofia e arte em toda ciência, pois se não houvesse o que seria de Pitágoras, Galileu, Kepler? A matemática de um inspira a musicalidade dos outro. Ora, se dentro de um *teorema* possui a lógica formal, por si mesmo essa mesma lógica pode vir a ser o *poema* como outra estrutura lógica, o que talvez tenha sido a manifestação de Kepler na matemática da *harmonia das esferas*. Daí a inspiração dos sentidos, da subjetividade refletida em toda ciência além do método, que retrata a realidade hipotética, trazendo à luz das descobertas a confirmação de que o conhecimento só se torna experiência quando se reintegra na consciência prática do atuante. Pensar dessa maneira requer a inclusão de um espaço na imaginação que deveria ser aceita por qualquer epistemologia,

“Sobretudo uma atividade da mente que procura descobrir a legitimidade na natureza, morta e viva, mas não se dedica a pesquisar especificamente como esta ou aquela lei funcionam. Expressa uma filosofia natural, a prática que tem mais a ver com a legitimidade do que com as leis e mais com a natureza geral das

leis do que com a estrutura específica desta ou daquela lei”⁷.

Parece estarmos usando um expediente metodológico e científico como fontes de inspiração isoladas, separadas do resto das coisas, como procedimento regular não-essencial. O excesso de clareza às vezes leva a uma sedução que faz vítimas entre o que há de comum nos *professores exemplares* e fora dentro da vida deles. Encontramos professores pesquisando e contentando-se com uma clareza antiquada, com o vício cultural irrestrito do método que já não tem qualquer eixo epistemológico que não seja o lógico-formal, e ainda, não compreendendo que qualquer método jamais poderia virar rotina, pois o mundo muda as coisas se transformam, e o homem evolui. Enquanto isso, lemos Thomaz Kuhun⁸ inspirando pesquisadores a uma revolução de paradigmas.

“Por paradigma entendemos, no reino dos fenômenos, toda uma coleção de idéias intuitivas básicas, delimitando em linhas amplas, quais são para os pesquisadores as perguntas que traduzem problemas relevante e importantes e os métodos de solução que podem ser vistos como adequados. Mais do que isso: o paradigma geral extravasa os limites do puramente teórico e se confunde com o que entendemos verdadeiro ou com o que entendemos haver observado”⁹.

Não nos parece segura a idéia ou a convicção de estamos praticando *ciência* na Educação Física com métodos que inspire a busca das nossas necessidades mais abrangentes e fundamentais. A rigor, estamos mergulhados na estampa conceptual invertida, procurando o encaixe sistemático da ciências dos outros nas necessidade nossas. Chamamos equivocadamente esse fenômeno de interdisciplinaridade. A rigor os autores que tentam mostrar a interdisciplinaridade, na verdade, apresentam um compêndio mau arrumado de disciplinas onde eles próprios não conseguem estabelecer vínculos prodígios. Ou acabam se desvinculando da Educação Física sem que percebam ou se isolam numa comunidade de entendidos mesclando conhecimentos com fundamentos restritos a especialistas. A interdisciplinaridade caberia como expressão e significação como um conjunto de contribuições reunidas e que seja estimulante para a procura de novas perspectivas e a formulação de projetos a serem realizados com rigor e cumplicidade prática. Há aí uma consciência do caráter específica de cada tema originários de entidades e disciplinas da cultura como um todo, portando desenvolver vinculações interdisciplinares não se resume em difusão de idéias pré concebidas. Já estamos na malha da especialização e temos que sair dela

⁵ Procrustes, um bandido medieval que levava suas vítimas para a casa e ajustava-as em sua cama. Quando menores esticava-as até romper suas articulações, quando maiores decepava suas extremidades. In: Koestlet, A. *The ghost of the machine*. Londres, Hutchinson & Co. Publicares, 1967.

⁶ Bachelard, G. *Epistemologia*. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1983, p. 122.

⁷ Bronoswski, J. *The origins of Knowledge and imagination*. Cambridge, Cambridge University Press, 1965, p. 15.

⁸ Kunhn, T. *Estruturas da revolução científica*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1982.

⁹ Stegmuller, W. *Filosofia contemporânea*. São Paulo Editora EPU, Vol II, 1977, p. 363.

sem perder de vista sua natureza e necessidade, pois o resultado das reflexões possíveis em todas as direções dos projetos e das pesquisas sejam compreendidas em seu verdadeiro significado e como elementos a serem integrados numa visão mais ampla da realidade. À Educação Física é permitida a adoção de uma conduta como essa, pois sua extensa dimensão cultural sinaliza a procura de parceria em todas as vertentes que a ciência apregoa.

Ao que parece, os especialistas em *ciências* da Educação Física vem priorizando a legitimação do conhecimento sistemático, em detrimento do conhecimento puro da natureza humana na qual reflete toda epistemologia do mundo das coisas vivas. Talvez um equívoco, por não compreender exatamente o sentido metafórico simbolizado em toda hipótese epistemológica. Não se pode excluir de qualquer ciência seu conteúdo imaginário. Na Educação Física, em torno de seus *objetos* se manifestam *sujeitos* que se arranjam e se adaptam pelos efeitos que se sucedem numa ordem prática quase única. Muito além do biologicismo ou cientificismo elaborado, há uma comunidade expressiva, lúdica que pode pulverizar qualquer tentativa de explicação intelectual sobre pesquisas em Educação Física. É exatamente aí que a escolha de metodológica se torna *burra*. Pois, *fazer educação física* hoje requer *inspiração com racionalidade*, uma manifestação de dupla potencialidade que não podem ser vistas com mutuamente excludentes. Não há a menor possibilidade de justificar a pluralidade dos *pensadores* em Educação Física que existem pelos livros e artigos, sem a comunidade de seres que se interessam pelo senso prático e técnico, daquilo que é tradicional e eficaz no cotidiano, assim como há um senso prático e técnico na filosofia natural, que se expressa na cultura dos homens comuns efetivamente interessados na vida. Tal filosofia da cultura científica, ou cultura da ciência filosófica, é bem diferente do cientificismo e da filosofia de gabinete, visto que, longe de estar satisfeitos com os resultados objetivos de qualquer método aparente, técnicos e atletas, professores e alunos, animadores e animados, coreógrafos e bailarinos, constroem uma dialética inexplicável, fora de qualquer lógica mercadológica, e próxima de uma lógica que transcende a racionalidade miúda. A revelação metodológica instituída, pouco incomoda o espírito crítico, pois, sempre trabalha com resultados, senão previsíveis, prontos, refletindo algo muitíssimo coerente e organizado. Dito como possibilidade avançada, o discurso dessa *ciência* comumente seduz, subvertem e reorganizam freqüentemente os valores racionais que os induzem a viverem constantemente próximo do controle e permanentemente estáveis sob a ótica das verdades lógicas matemáticas.

A Educação Física que precisamos praticar não cabe na estrutura simples da ciência vaga. Talvez já esteja sendo redescoberta pela manifestação contundente de uma corporeidade e uma motricidade mais *rigorosa* do que

supomos, no conjunto e na estrutura das coisas humanas que ultrapassa a verdade instituída. Visto assim, corpo e movimento, se suspendem num *modus vivente*, ininterrupto, onde se exerce uma objetividade racional, técnica, social já instituída na natureza humana recondida e ontológica. Se há uma ciência da Educação Física esta deve estar conectada com uma filosofia da Educação Física e com a arte da Educação Física. Para escaparmos de uma ciência vaga seria interessante conceituarmos um sentido *práxico*, incorporando as condições de aplicação de um conceito, na legitimidade do próprio sentido do conceito, resultante de uma forte união da experiência com a razão, fé, e intencionalidade. A conceitualização da Educação Física, muito além de uma *cienciazinha* particular, precisa de atualizar uma série conceitos em via de aperfeiçoamento para adquirir a dinâmica que temos em vista, para que possamos construir um eixo de pensamentos criativos.

Educação Física e Uma Ciência Rigorosa

Para o desconforto dos proprietários do conhecimento em Educação Física, aqui vai uma máxima nietzschiniana: “*O pensamento nos dá o conceito de uma forma totalmente nova da realidade. Ela é constituída por sensação e memória. No mundo o homem poderia conceber-se realmente como alguma figura saída de um sonho e que, ao mesmo tempo, sonha-se a si próprio*”.¹⁰ Essa premissa nos dá indicativos de que a prática do pensamento não está isolada do mundo nas suas infinitas formas de pensar. O rigor de algum método não pode eleger uma disciplina e governá-la, sem que saibamos estimar as infinitas categorias e possibilidades de buscar verdades temporárias. Ao que parece, na Educação Física, mesmo dentro de algumas práticas científicas tidas como essenciais, o rigor está na trilha mais vulnerável e estreita que se sustenta pela razão lógica matemática, o que leva a conhecimentos especializadíssimos, porém vitrificado pela amálgama do isolamento. Esqueçemo-nos de que a ciência também é instinto, complexos de sensações e “vontades” e necessidades ou crença na verdade. É possível com essa afirmação ter fé para conhecer. Diante dessa natural fonte de vida humana requer uma conduta, um *estado* que não se explica com método, mas com formas de reflexão, daí que todo instinto de conhecimento possui uma fonte moral.

A Educação Física como prática rigorosa no mundo vivido antecede qualquer método de aplicação de conteúdo. Seria provocar o falecimento de uma entidade cultural denominar a matéria como *disciplina simples*. Tal como a vivemos Educação Física existe porque está *aí*, no inconsciente individual e coletivo. Assim como redescobre Mauss¹¹ na suas investidas antropológicas nas

¹⁰ Nietzsche, F. *Le livre du philosophe: études théorétiques*. Paris, Aubier, 1965, p. 35.

¹¹ Mauss, M. *Antropologia e sociologia*. São Paulo, Ed. USP, Vol. II, 1974.

comunidades primitivas que define como *práticas corporais* como sendo algo tradicional e eficaz sociológica, biológica e psicologicamente responsável pela sobrevivência da espécie.

Na Educação Física, pela imaturidade e na falta de reservas de identidade procura a ascensão na intelectualidade para ser compreendida com rigor. Equívoco, esse intelectualismo, que mais demonstra mestradões e doutorados em dissimulação, não se recordam do mundo natural de si mesmo e das suas antropologia, pois não compreendem o sentido da mesma, portanto, não podem acreditar na lógica antropológica sem que tenham que dispensar a lógica matemática. Esquecemo-nos o quanto são severas as leis da investigação. Lembremos que Einstein, Rutherford, Bohr, entre outros físicos, sabiam dessa premissa. Sabiam também o quanto eram limitadas os meios para descobrir aquilo que já estava *ali*. Não foram eles que inventaram o conceito de *ciências da natureza*, pois sabiam da sua extensão. Contudo, por ingenuidade ou ignorância, insistimos em desprezar a experiência ontológica. Nos acomodamos do topo da ciência natural, dividimos a responsabilidade de pesquisar em Educação Física com outras áreas do conhecimento como se tivéssemos obrigação de descobrir algo novo no centro de uma interdisciplinaridade disciplinada. Com todo esse emaranhado de conceitos estamos pesquisando a natureza de um fenômeno deixando de lado a natureza do humano. Estamos repetindo um erro clássico da ciência que se esqueceu de seu rigor: para que seja descoberta a natureza o ser humano deve vê-la do lado de fora.

Essa cômoda situação na realidade contemporâneo, nos empolgamos com os *fractais* de um *caos a priori*, sendo que o mundo natural e humano sempre o anunciou. Nessa mesma direção nos elevamos à potência de descobridores da auto-regulação, quando na verdade, já sabíamos que o ser humano é o mais elevado sistema auto-regulador. À Educação Física enquanto uma disciplina acadêmica ou uma profissão é dada a concepção para explorar problemas complexos. Como toda estrutura complexa, dentro da complexidade há a simplicidade que a legítima, assim como em cada todo há uma parte que lhe fornece a consistência da totalidade. Diante desse aspecto de toda realidade passível de descoberta, começamos a leitura da complexidade científica sem ao menos explorar a simplicidade poética, dentro de cada estrutura lógica reside uma intuição mágica que lhe fornece inspiração, depende da visão a ser explorada. Lembremos um trecho de um clássico da literatura infantil: (...) *“Todo o tempo o Guarda ficou olhando para ela, primeiro através de um telescópio, depois por um microscópio e, após, por um binóculo de teatro. Por fim, ele disse: - Você está viajando pelo lado errado”* (...) ¹².

Porque servir-se do conceito de ciência rigorosa?

Não há e não poderá haver uma Educação Física *sob o ponto de vista de*. Parece urgente e necessária a instauração de um inquérito cultural, para que possamos enxergar que a realidade corpo-movimento independe da Educação Física formalizada. Por ser a Educação Física uma metáfora no mundo contemporâneo sua relação com o homem reporta dois mil e quinhentos anos de cultura. A ocorrência desse fato se configura no instante decisivo dessa entidade, pela manifestação da experiência vivida na corporeidade absoluta. No momento em que não podemos nos enganar com o discurso sobre o ser humano como não sendo o *ser corporal*. Como refletir sobre esse tema sem a consistência radical sobre o conceito de corpo humano *humano*.

O estabelecimento desse ideal exige uma filosofia que se constitua desde a raiz como ciência, e conseqüentemente se firme o terreno da objetividade sem a exclusão da subjetividade, sobre o qual terá de se exercer a reflexão filosófica pura, onde seja reinada a impessoalidade da investigação científica. Assim entendida a Educação Física virá a ser uma *ciência rigorosa*. Com essa expressão Husserl revigora a concepção de filosofia como a estrutura conceitual da ciência aberta para vida, uma concepção que há um incontestável e legítimo rigor na ciência em todas as esferas da natureza e do espírito, na teoria e na prática, O rigor implica em cientificar a filosofia, ou desterrar o ideal da filosofia como ciência e vice-versa. É possível naturalizar a consciência e as idéias no mundo da vida uma concepção que nivela, ou equipara, os dados da consciência a fatos naturais e as normas da razão lógica as leis da natureza do pensamento. À Educação Física acrescentamos uma dose de cultura, com sede de rigor, *“deverá constituir-se entitativamente a si mesma, mas para que se torne plenamente auto suficiente carece de fundamentar seu objeto; e desde que seu objeto seja o de ciência rigorosa, universal e absolutamente fundamental, incumbe-lhe em estabelecer um começo radical e último, tal que sobre o absoluto desta base ela possa afirmar inabalavelmente, sem carecer de quaisquer supostos. Uma filosofia com bases problemáticas, com paradoxos que descansem na falta de clareza dos conceitos fundamentais, não é filosofia, e contradiz-se com o seu próprio sentido como filosofia”*, (...) ¹³.

A ciência ou o seu conceito minúsculo começou a nascer na Educação Física. Tem-se numa comunidade de interessados extrema consideração por seu *inventores*; tem-se o desejo de conhecer por si mesmo coisas novas que causam rumores sobre a novidade vigente, a esperança de se ilustrarem com alguma descoberta; a ambição de participar da partilha de alguma fama, por um lapso de tempo que seja. Há com isso uma ilustração passageira e conclusa. Num momento, a descoberta é cultivada, quase que idolatrada por uma infinidade de pessoas ligadas ao

¹² Trecho da peça de teatro infantil exibida em pouco da TV cultura, dia 14 de Outubro de 1986, adaptação de Maria Clara Machado da obra de Lewis Carol.

¹³ Derrida, J. *Le cogito dans la philosophie*. Paris, P.U.F., 1962, p.231,

esporte, a ginástica, ao treinamento, a dança, as atividades lúdicas, aos processos de ensino aprendizagem motora, a biomecânica, entre outras derivações substantivadas. Há uma espécie que catequese ou furor gurulento, espesso que se concentra um certo teor de conhecimento. Tantos esforços e pesquisadores idolatrados reunidos levam a vigorar um conceito de ciência. Mas, à medida que seus limites se estendem, os da consideração se estreitam. Parece não haver mais consideração por aqueles que escapam da rotina rasteira das invenções intermináveis. Parece ser difícil para os pesquisadores do topo compreender a insustentável leveza de seus conceitos, o desperdício de prestígio, que foi dissipado por não atender a realidade, de acordo com a inutilidade de seus trabalhos. É a onipotência que esbarra no conceito de ciência rigorosa.

A desobstrução da mente é a desobstrução do corpo diria um estudioso de ciências, pois, traz na sua conduta a unidade humana. Assim como não se pode alcançar a filosofia sem a ciência e vice-versa. À arte é dada a responsabilidade de intermediar e assegurar essa unidade. Por equívoco platônico e o triunfante cógito cartesiano, a humanidade se desprende da corporeidade. Na Educação Física não poderia ser diferente. Contudo, vemos a prática das atividades corporais despertando consciência, porém não sabemos sustentar a relação com a motricidade no sentido da cultura geral, além dos currículos, programas, e planos de aula.

A busca do rigor científico nas pesquisas em Educação Física não requer atalhos, existem *per si*. Muito além da instituição o conteúdo específico não escapa do conteúdo da cultura, as determinações sobre a experiência prática se associa ao mundo vivido não importa o objeto em particular nem o método que se segue. Diferentemente das premissas ou respostas dadas por outras esferas do conhecimento universal, a Educação Física se sustenta por fatos fundados sobre a vida. Não há laboratório ou gabinete que sirva de substituto para comprovar a eficácia e a tradição do uso do corpo e do movimento como necessidade que alcançou o *estilo de vida* no mundo contemporâneo. No conceito de Educação Física repousa um conteúdo universal, como também uma conexão científica, filosófica e artística que ainda são enigmas do mundo e da vida. É por essa razão que um conceito particular de ciência não consegue atingir a rigorosa evidência que é a experiência em Educação Física.

À ciência é dada a base para que se compreendamos a experiência. Os postulados da neurologia que antecedem os princípios das formas de aprendizagem, não poderão jamais explicar o ato de aprender, e toda precisão bioquímica que antecede a dinâmica fisiológica do esforço jamais poderá explicar a intenção da contração muscular. Contudo, a segunda premissa não exclui a primeira. Por outro lado o conteúdo sócio-cultural que inspiram estudiosos na Educação Física não podem se servir de qualquer história, filosofia, ou sociologia particular. Seria interessante que

promovêssemos a primeira premissa esforçando-se para aceitar a segunda e as compreendêssemos no limite da realidade aberta. A cultura sobrevive dessa forma, o rigor da ciência começa com o rigor da vida.

A Educação Física pode ser pesquisada como ciência rigorosa, começando com a aplicação de princípios que escapam do método. Observação da natureza, a reflexão, e a experiência. A observação recolhe os fatos, a reflexão os combina, e a experiência verifica os resultados da combinação. É preciso que a observação seja assídua, que a reflexão seja profunda e que a experiência seja rigorosa¹⁴. Na Educação Física dificilmente encontramos esses três itens devidamente reunidos. Pecamos na base, na forma de observar, a reflexão é superficial e isolada e a experiência é limitada e repetitiva. Como consolo servimos da consideração de que gênios e criadores não tão comuns assim na área.

Por ingenuidade ou incompetência, penetramos profundamente no conteúdo, nos especializamos em matérias de extrema relevância teórica, e nos distanciamos na natureza prática que se expande em representação e significação. A essa altura, temos uma comunidade inteira interessada em cuidar da saúde e qualidade de vida, referência essa que se manifesta já tardiamente como previsto nas necessidades mais recôndidas do comportamento humano. Estamos, entretanto, nas margens de um *conteúdo geral* que é a expressão humana enquanto realidade e evidência do uso do corpo nas *práticas corporais* contemporâneas enquanto fator cultural, com efeito não percebemos o deslocamento do conceito de Educação Física de disciplina para entidade cultural.

Educação Física e Linguagem

Não podemos nos enganar, há uma linguagem científica que não comporta outras linguagens. Contudo a compreensão e sobretudo a interpretação das coisas não se resumem ao sólido vigor da linguagem pré-medida pela ciência. A razão muitas vezes tem razão, porém não explica muitas das independências e solidificações inspiradas pelo credo das infinitas culturas existentes. A experiência do viver justifica a experiência do prazer em muitas das decisões humanas. Para interpretar o mundo seria interessante o recurso de outras linguagens não menos importantes. Goethe, em Fausto, denunciou a miséria social vivida na Inglaterra no século dezessete, expôs no teatro a ganância e a ambição humana desenfreada, Não menos importante Marx provocou uma sociedade inteira com um cientificismo estampado pelo rigor da realidade. Dentre outras formas de linguagem, os arranjos poéticos Flaubert edificou pontos estratégicos da revolução francesa. Considerações que nos colocam em cheque quando fazemos uso restrito da linguagem.

¹⁴ Diderot, D. *De l'interprétation de la nature*. Paris, P.U.F. Vol. II, 1954, p.245.

“(…) a primeira língua que os homens falaram foi um amálgama de música, poesia e ciência. No começo, um único verbo ensinado por Deus ou ditado pela Natureza soube exprimir as coisas, os sentimentos, as leis. E na imagem que gostamos de imaginar dessa faculdade nascente, não apenas a diferença da palavra e do cântico, a diferença entre o poder expressivo e o poder de indicação objetiva ainda não haviam ainda surgido, mas o uso sagrado e o uso profano da linguagem ainda não haviam estabelecidos seus reinos separados: na grande festa dos primeiros tempos, toda palavra era celebrante e trazia em si própria a substância do real indicado.”¹⁵ Poucos argumentos temos para contestar veementemente fatos como este, pois ultrapassa a relação espaço temporal e alcança o espaço humano existencial.

Em toda categorias da ciência há um conteúdo específico, instituído como unidade conceptual, aplicável e necessariamente sustentada por uma dinâmica teórica. O sentido dado ao uso da ciência na cultura não parece ser diferente com a experiência dada na Educação Física. Contudo, temos indicativos, especificamente no que se refere a cultura corporal e motora uma geografia tão extensa que não nos cabe estudá-la como se deveria. Os estudos considerados importantes em cada base teórica das disciplinas consideradas tradicionais, se deslocam e se dispersam na já pulverizada rede de conceitos específicos que não atingem o sentido original diagnosticado na corporeidade e na motricidade primitiva. Nossa petulância científica nos dirigiu de forma competente para as estruturas lógicas e objetivas, sem que pudéssemos enxergar além das barreiras da nossa própria crise. Devemos considerar que em toda crise há um campo limitado que abrange sua especificidade, porém se insistirmos em enfrentar a crise no limite da objetividade estaremos girando entre dois limites perigosos: cepticismo e dogmatismo. Ficaria a impressão de estarmos mediando a crise com segurança, esquecemos que é sempre possível estabelecer limites abrangentes, confrontar leituras da realidade, arbitrar entre elas e procurar um acordo, mesmo se tal acordo ficar além do nosso alcance imediato. Um encontro e não o confronto de paradigmas.

A única referência em que podemos obter apoio para que seja permitido buscar conexão entre comportamento, valores e conceitos está no sentido da linguagem que a Educação Física ainda esconde. Pelo sentido imediato que sua estrutura comporta sabemos e não fazemos uso do conceito, conhecemos mas não aceitamos seus valores, aplicamos mas não sentimos como comportamento.

Considerações Finais

No lusco-fusco cultural a ciência não pode ser a única correspondente do ato *compreender e modificar*. Mesmo porque a experimentação, da forma como pressupões as pretensões das correntes metodológicas,

*não supõe a única observação fiel dos fatos tal como se apresentam, nem a única busca de conexões empíricas entre fenômenos (...). Não se obriga a dizer tudo o que se quer à natureza, e é porque a ciência não é um monólogo, porque ao “objeto” interrogado não faltam meios para desmentir a hipótese mais plausível, mais sedutora, (...).*¹⁶

Ciência só se ajusta com a Educação Física aos olhos da cultura geral. Não se pode analisar uma entidade ajustá-la à outra, desconsiderando seu conteúdo histórico cultural. Não há qualquer possibilidade de sobrevivência da *disciplina*, porém há indicativos de que haverá possibilidade de se estabelecer como entidade. Para tal, temos uma obrigação inusitada, enfrentar o rigor da cultura que começa com a destruição do estigma disciplinar ou profissional e absorver um conceito de corporeidade e motricidade que seja aceito como o são no incrível valor prático de seu conteúdo. Não se desloca teoria para a prática sem que aceitemos o diálogo cultural do aprender como se comunga na religião. O distanciamento pré-concebido equivocadamente pela ciência da lógica para com a mágica, da razão para com a fé, nos fez perder de vista, o rigor da ciência com o mundo vivido.

esporte, a dança, as atividades lúdicas, a ginástica, inspira um confiança na comunidade praticante que pela falta de engajamento cultural e pelo excesso de sistema e *educações* postulou o ensino e destruiu a sedução. Os parâmetros justificados e vividos por alguma prática ou técnica deveria absorver o ser humano na concretude da sua antropologia. Uma noção de estrutura que transita entre conceito, valores e comportamentos, podendo apenas ser visível à luz da experiência primária das práticas corporais das comunidades primitivas. Uma espécie de atletismo primitivo verificado no homem *corporal-e-motor*. Não podemos *treinar* atletas, *educar* alunos, *brincar* as crianças e adultos, *poetizar* os bailarinos, sem a adesão do sentido cultural que os criaram. Refiro-me à carência de metáforas que permitam fazer interpretações relevantes e consistentes da busca do *homo sapiens, hommo fortius, hommo ludens*.

Diante do aporte e do escopo de saber e conhecimento possível de ser redescoberto no conceito de Educação Física, estamos prestes a reviver nossa própria realidade corporal como quem descobre a realidade humana inusitada. Não poderá haver ciência da Educação

¹⁵ Starobinski, J. *Linguagem poética e linguagem científica*.

Diógenes:Antologia. Brasília, Editora UnB, Vol. 6, ps.40-55, 1984.

¹⁶ Prigogine, I. & Stengers, I. *A nova aliança, metamorfose da ciência*. Brasília, Editora UnB, 1977, p.4.

Física se não houver a constituição filosófica e a arte. Para tal, toda atividade física que fazemos está além de uma prática desesperada, pois diante dela repousa a vida, que inspira frequentemente um metabolismo que ultrapassa a textura da pele. O saber que se construiu na Educação Física virá retroagir com as vicissitudes, da dinâmica de uma aula, no rigor do treinamento, no prazer das coreografias, e no prazer de brincar.

Há tempo, ainda estamos na trilha.

ABSTRACT

PHYSICAL EDUCATION AND SCIENCE, WHAT OF SCIENCE

Physical Education com science. It is not paraphrase evasive, but of course, a fundamental discourse and necessary. Report question that suggest new questions. We have in around the support definition about identity of Physical Education, we accomodat in values established by science, however we not have the concept of the science in its totality and purety, and we not justifies the means in ralisation the Physical Education in the lived reality. The arguments scientific want of the argument philosophic, artistic among others possible languagens, that guid of reality of reation body-movement. We could not to forge with scientific painted of the knowledge in Physical Education, whether not we make a rigorous analisys in the anthropology about topics that originated the use legitimat of the body practice. It is necessary we accomodate inside support where be seeded radicalily a Physical Education with science rigorouse. To be necessary to make Physical Education as a self make general culture.

UNITERMS: Physical Education, science and culture

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bachelard, G. **Epistemologia**. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1983.
- Bronoswski, J. **The origins of Knowledge and imagination**. Cambridge, Cambridge University Press, 1965.
- Derrida, J. **Le cogito dans la philosophie**. Paris, P.U.F., 1962.
- Diderot, D. **De l'interprétation de la nature**. Paris, P.U.F. Vol. II, 1954.
- Eliade, M. Prestígio do mito cosmogônio. **Diógenes, antologia**. Brasília, Editora UnB, Vol. 7, 1884.

- Koestlet, A. **The ghost in the machine**. Londres, Hutchinson & Co. Publicares, 1967.
- Kunhn, T. **Estruturas da revolução científica**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1982.
- Mauss, M. **Antropologia e sociologia**. São Paulo, Ed. USP, Vol. II, 1974.
- Nietzsch, F. **Le livre du philosophe: études théorétiques**. Paris, Aubier, 1965.
p.5-16, 1984, p. 7.
- Prigogine, I. **A nova aliança, metamorfose da ciência**. Brasília, Editora UnB, 1997.
- Starobinski, J. Linguagem poética e linguagem científica. **Diógenes: Antologia**. Brasília, Editora UnB, Vol. 6, ps. 40-55, 1984.
- Stegmuller, W. **Filosofia contemporânea**. São Paulo Editora EPU, Vol II, 1977.
- Weil, E. **Problèmes Kantiens**. Paris, Edition De Vrin, 1965.

Recebido para publicação em: 15.04.98

Endereço para correspondência:
Departamento de Educação Física
Instituto de Biociências - UNESP
Av. 24 A, 1515 - Bela Vista - Rio Claro - SP
CEP - 13506-900 - Fone (019) 5340244 - R. 160
Cel. (019) 9846234